



## A FORJA DO VAQUEIRO NO SERTÃO<sup>1</sup> DE ITABERABA-BA

Ana Sandra Rodrigues Sodré<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata-se de um estudo sobre o ofício do vaquejar e suas particularidades no município de Itaberaba-Ba, com o objetivo de analisar a origem étnica do vaqueiro sertanejo na ocupação do sertão baiano e evidenciar as transformações que vem acontecendo na profissão do vaqueiro no recorte delimitado. Também procuramos investigar sobre as práticas culturais do vaqueiro, sobretudo, práticas de cura, seus saberes e fazeres; Assim como nos atemos em demonstrar mudanças de costumes e de sociabilidades do vaqueiro contemporâneo. À aquisição de conhecimentos e respostas para esta pesquisa utilizamos a História Oral como principal veículo de informações, empregando o método de entrevistas envolvendo cinco vaqueiros moradores desse município, em diálogo com a bibliografia pertinente ao tema.

**Palavras-chaves:** vaqueiro, práticas de cura, transformações culturais.

### Introdução

O vaquejar enquanto prática sociocultural vem passando de geração em geração e se estabelecendo enquanto uma das atividades econômicas mais importantes no município de Itaberaba – BA<sup>3</sup>. Ao falar sobre o vaquejar, consideramos relevante discorrer sobre a origem étnica do vaqueiro sertanejo e suas funções, quando ainda no período de ocupação do sertão e da instituição dos primeiros currais, nos idos do século XVII, esta região fizera parte da grande sesmaria concedida ao curraleiro Antônio Guedes de Brito, o fundador da Casa da Ponte. (SOUZA JR., 2015).

Este trabalho foi pensado a partir de uma visita, feita em março de dois mil e dezesseis à Secretaria de Cultura e à Biblioteca Municipal de Itaberaba, com o objetivo de pesquisar sobre a festa dos vaqueiros, que acontece anualmente e é um dos patrimônios imateriais mais importantes neste município. Entretanto, ao obter acesso a algumas informações

<sup>1</sup>A palavra “sertão” neste trabalho possui denominação de acordo com o apresentado por Erivaldo Fagundes Neves e Antonieta Miguel, em que no período de conquista e ocupação da América Portuguesa cujo vocábulo referia-se às terras do interior da colônia por onde andavam colonizador e bandeirante à procura de minérios e a guerrear contra populações indígenas. Destarte, sendo também lugar ligado à pecuária, de antigos costumes e tradições, situados em regiões do Norte e Nordeste. Ver: NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. (orgs). **Caminhos do Sertão: Ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia**. Editora Arcadia, 2007.

<sup>2</sup>Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB *Campus XIII*. E-mail: [sandrasodrelq29@gmail.com](mailto:sandrasodrelq29@gmail.com). Orientador: Professor Me. Rodrigo Freitas Lopes. E-mail: [rodrigolopes28@hotmail.com](mailto:rodrigolopes28@hotmail.com).

<sup>3</sup>O município de Itaberaba localiza-se no centro-leste do estado da Bahia, na encosta da Chapada Diamantina, fazendo o seu território, parte do vale médio do rio Paraguaçu. O município ocupa uma área de 2. 343, 505km<sup>2</sup>, sua distância para a capital do estado dista 272 quilômetros. Os municípios limítrofes são Ipirá ao leste, Boa Vista do Tupim ao Oeste, Rui Barbosa ao norte e laçu, ao sul.

acerca do ofício de vaqueiro, mudamos o foco da pesquisa e optamos em pesquisar sobre o *que é vaquejar*. Por conseguinte, vieram-nos algumas inquietações acerca de quem é o vaqueiro sertanejo? Quais são as práticas culturais mais importantes dentro do universo do vaqueiro? O que são as práticas de cura, sugeridas pelas fontes orais sobre eles? Quais mudanças sócio-culturais podem ser observadas no vaquejar ao longo dos anos até os dias atuais?

Estas perguntas fizeram-nos ir ao encontro dos próprios vaqueiros, aqui tornados fontes, como meio de obter informações a partir de suas experiências. Desta forma, foram realizadas entrevistas com cinco vaqueiros<sup>4</sup>.

Tentaremos elucidar, através de memórias de vaqueiros, entre trinta e cinquenta anos na labuta, a história de seu ofício, uma vez que o vaquejar vem passando por transformações, a partir de eventos que aconteceram em décadas passadas e que, se não forem historicizadas, tendem a cair no esquecimento, como nos lembra Halbwachs (1990), quando diz que a escrita da narrativa torna-se o principal meio de salvar lembranças, quando a memória de determinados acontecimentos regressos, dispersam-se entre indivíduos inseridos numa sociedade em que tais eventos já são exteriores a eles, e por isso desinteressantes aos mesmos.

Deste modo, vamos estabelecer uma ligação entre o passado e o presente, restabelecendo correntes de pensamentos coletivos que podem levar-nos a descobrir e a resgatar significativos fatos, sobretudo quando se trata de memórias inéditas. Por isso, o uso da História oral foi um recurso imprescindível neste trabalho, para a obtenção de informações importantes sobre o ofício do vaqueiro, uma vez que se tratam de sujeitos comuns, homens do campo, mas com experiências sociais preciosas para um historiador mais atento.

No tocante à importância de seu ofício na região de Itaberaba, o vaqueiro surgiu como um dos primeiros e principais sujeitos pertencentes às comunidades sertanejas dentre grupos sociais como tropeiros, garimpeiros, agricultores entre outros. Desde o período colonial, exerceu sua função de responsável pela criação do gado, no tanger das boiadas e na comercialização das mesmas, bem como agiu no trabalho da agricultura na produção de gêneros alimentícios indispensáveis em sua alimentação diária (SOUZA JR., 2015).

Embora a pecuária necessitasse de menos trabalhadores em relação à agricultura, impetrou da principal mão de obra na região, e o vaqueiro à medida que se tornava experiente em seu ofício, se destacava entre outros grupos sociais, sendo que no século

---

<sup>4</sup> Sr. Mascarenhas, setenta e cinco anos de idade; Sr. Fernandes, oitenta anos de idade; Sr. Da Costa, sessenta e quatro anos de idade; Sr. Da Silva, quarenta e oito anos de idade; Sr. Santos, quarenta e cinco anos de idade. Todos residentes neste município.

XIX, “*Apesar da pequena quantidade na região, os vaqueiros são destaques nos estudos sobre as comunidades sertanejas*”. (SOUZA JR., 2015, p. 112).

O vaqueiro era responsável por zelar de cada cabeça de gado, cuidar da segurança das fazendas contra os ataques de ladrões, combater feras, morcegos, cobras, zelar dos bebedouros, reconhecer novos pastos e fazer queimadas, entre outras funções. (DONATO, 2000). O fazendeiro tendia em manter uma relação de dependência com seus vaqueiros, os quais prestavam informações sobre o estado das fazendas aos donos, sendo esse um dos motivos que poderiam lhes atribuir algum prestígio social (NASCIMENTO, 2008).

## **2. O Ofício do Vaquejar e a Origem Étnica do Vaqueiro Sertanejo**

O ofício do vaquejar é um labor que vem atravessando séculos na História do Brasil, com a expansão do gado pelas imensas terras sertanejas no período da colonização portuguesa, “*a marcha lenta das boiadas nos ínvios caminhos dos sertões baianos traçou a rota primitiva dos destinos da Colônia que Portugal criou neste lado do Atlântico*”. (BOAVENTURA, 1989, p.15). Assim, os principais caminhos antigos que surgiram com o pisotear das boiadas serviu de acesso aos principais centros comerciais baianos, sobretudo para conduzir as próprias boiadas que vinham dos sertões desde a barra do rio São Francisco, rio das Velhas, rio das Rãs, rio Verde, Para-mirim, Jacuípe, entre outros, rumo à cidade da Bahia, recôncavo e às fábricas dos engenhos como nos constata ANTONIL (2014). [...] “*No rastro da boiada foi o homem, fundou currais, vilas, frequentou feiras, comprou e vendeu do Piauí ao extremo sul*” [...] (DONATO, 2000, p.159). Deste modo, tornou-se necessário compreendermos o surgimento do vaqueiro no Brasil, ao refletir sobre os sertanejos que cuidaram dos primeiros currais instituídos por essas terras do sertão baiano.

Embora a Historiografia brasileira pareça-nos restrita em relação ao vaqueiro propriamente dito, investigamos quem foram os primeiros vaqueiros que pisaram por esses solos baianos a partir do século XVI com a chegada das primeiras cabeças de gado à Bahia, trazidas durante o governo de Tomé de Souza, vindas de Cabo Verde, depois de Pernambuco, sendo estabelecidos os currais no litoral e no Recôncavo baiano, onde primeiramente foram instituídos os engenhos de açúcar e, conseqüentemente, a população da colônia. (ABREU, 1960).

Com o crescimento da pecuária houve a necessidade de ocupar as terras mais interioranas. Sobretudo, quando as terras próximas dos portos e dos cursos fluviais ganharam maior valorização, tanto pela qualidade, quanto pela localização, tornando-se plenamente ocupadas sem espaço para outras indústrias. Além de ter sido um meio de

evitar possíveis prejuízos às plantações de cana, de mandioca e outras culturas (PUNTONI, 2002).

[...] “a força da criação começava da ponta de Santo Antônio para o Norte”<sup>5</sup> (ABREU, 1960, p.88-89) e, por sua vez, abarcava desde a mata do recôncavo à direita do Paraguaçu, distendendo-se às margens do rio São Francisco, onde constituiu povoamento depois de ocupado o Recôncavo. Não ficando a criação estagnada às suas margens, mas transpondo-se ao Parnaíba até chegar ao Piauí. “à medida que a margem baiana do São Francisco ia sendo aproveitada, se tornava maior a distância da cidade do Salvador e seu recôncavo” (ABREU, 1960, p.93).

Falar sobre a pecuária extensiva do interior da Bahia torna-se plausível citar os maiores latifundiários e criadores de gado no período da colonização portuguesa, donos de extensas fazendas nos sertões baianos. Segundo WANDERLEY (2013), a família dos Garcia D’Ávilas da Casa da Torre, e de Antônio Guedes de Brito foram as duas potências pecuaristas da Bahia colonial. Em se tratando do primeiro Garcia D’Ávila, ainda em meados do século XVI (1553), possuía um rebanho bovino de mais de 200 cabeças e suas terras se entendiam nos campos de Itapoã, Rio Vermelho e, sobretudo pelo sertão. No final do mesmo século, suas propriedades já abarcavam desde o rio Jacuípe, ao sul, e o Itapicuru, ao norte.

Quanto a Antônio Guedes de Brito e seus herdeiros, possuíam grandes propriedades; terras que se desdobravam desde o Morro dos Chapéus até a nascente do Rio das Velhas, havendo muitos currais próprios, assim como terras arrendadas (ANTONIL, 2014). Ao referir-se a Guedes de Brito, SOUZA JR. (2015) menciona que as terras da região de Itaberaba que se estendem entre os rios Piranhas e o Capivari, abrangendo a serra do Orobó, pertenceram a este mestre de campo.

O vaqueiro, ao tocar o gado para o interior do sertão, habitou as terras longínquas, na incumbência de zelar dos primeiros currais. Era necessária, apenas a presença de um casal para comandar uma fazenda e espalhar mestiços, que para BOAVENTURA (1989) eram mamelucos nascidos da união do vaqueiro branco com a índia de que encheu o sertão. Em relação a isto, o mesmo autor nos diz: “o sertão pastoril estabilizou e segregou o índio, com os seus mestiços, com a cobertura da índia pelo vaqueiro branco, depois, pelo fazendeiro fidalgo. Não por nojo à negra. Nunca. Apenas determinismo do Ambiente” (BOAVENTURA, 1989, p. 24). De igual modo, GOULART (1966) afirma que o vaqueiro sertanejo foi formado a partir da união entre brancos e indígenas, sendo pouca a participação de afrodescendentes na pecuária e só a partir do século XVII.

---

<sup>5</sup> A ponta de Santo Antônio diz-se respeito ao local que marca a entrada da Bahia de Todos os Santos, onde os portugueses aportaram durante a primeira expedição colonizadora à América Latina - na Barra. Por volta de 1536 foi edificado o Forte de Santo Antônio da Barra pelo donatário da Capitania da Bahia Francisco Pereira Coutinho.

Entretanto, há autores com versões diferentes em relação à etnia do vaqueiro sertanejo, para ABREU (1960), eram mulatos, mestiços e pretos forros, escravos ou prepostos, os responsáveis por conduzir as boiadas desde os sertões do São Francisco ao Recôncavo e também à Feira de Capoame, depois chamada de Feira Velha, a qual ficava numa distância de oito léguas da capital, hoje Dias D'Ávila. A presença de escravos indígenas em fazendas de criação de bovinos era comum e bem vista pelos criadores, sobretudo à condução de gado de Pernambuco e do São Francisco para a Bahia e Recôncavo, “*O trabalho de guias e tangedores realizados pelos índios era, do seu ponto de vista, muito útil para os próprios porque com as pagas ganham com que se vestir e as suas mulheres*”. (PUNTONI, 2002, p.43).

Deste modo, entendemos que já no século XVII havia a presença de outros grupos étnicos a trabalhar em fazendas de gados, sob a incumbência de cuidar dos currais, vaqueiros e seus ajudantes, “*por vezes escravos*” (PUNTONI, 2002 p.41-42):

Em 1665, nos currais de Jácome Pereira, por exemplo, os africanos eram descritos junto com o plantel do gado vacum e cavalariço. No curral de Jurumungão havia 220 vacas, bois e cavalos, assim como “Gonçalo e Maria sua mulher escravos gentios de Guiné, e Gaspar e Mateus moleques”. No curral do frade da Sirica havia 487 vacas, bois e cavalos, junto com José e sua mulher, “escravos do gentio da Guiné”, e “Perpétua, Domingos, Pedro e João; e Pedro e Bento, moleques que andam fugidos; e mais Manuel e Paulo, moleques que estão no curral”, além das crianças “Juliana Negra e Domingas Crioula, de 3 para 4 anos, e Marta de 2 anos”. Seus preços foram estipulados em 44\$000 réis por cabeça os adultos e 16\$000 réis as crianças.

Dados demográficos demonstram que em 1697, quase metade da população envolvida no trabalho da pecuária era escrava, que serviam como ajudantes de vaqueiros, ainda no final do século XVII, sobretudo no Piauí, o absenteísmo ainda era regra, estando às fazendas entregues a vaqueiros e arrendatários, que as administravam. (PUNTONI, 2002).

Ao se instalar em terras ainda não desbravadas completamente, alguns vaqueiros tiveram suas vidas trucidadas. “*Em torno do Paraguaçu reuniram-se tribos valentes, aparentadas aos aimorés convertidos no princípio do século, que invadiram o distrito de Capanema, trucidaram os moradores e vaqueiros*”. (ABREU, 1998, p. 113). Aqueles eram os tempos em que se travaram as guerras contra indígenas no sertão baiano (século XVII), para onde seguiam sertanistas a destruir aborígenes e suas aldeias.

Quanto à remuneração, alguns vaqueiros recebiam pelo seu trabalho através do sistema de quarta, porém existiam outras formas de pagamentos como os sistemas de

*Meia, sorte e giz*,<sup>6</sup> (SOUZA JR., 2015). Já na concepção do historiador PUNTONI, a condução de boiadas dos sertões baianos e de outros territórios aos principais centros comerciais de gado à Bahia, era pago em dinheiro, inclusive aos escravos que realizavam esse tipo de trabalho:

Os missionários forneciam índios aldeados pelo salário que fosse considerado justo [...] Lencastro, em um papel sobre as missões, sugeria que o pagamento deveria ser fiscalizado pelos procuradores dos índios e escriturado na presença de um índio “mais ladino”. Sugeria também, o estabelecimento dos salários que os índios deveriam vencer: do rio São Francisco à Bahia 4\$000 réis, do Ceará, 6\$000 réis, do Piauí, 8\$000 réis e do Paramirim para cima, 8\$000 réis também. (PUNTONI, 2002, p. 43).

O sistema de pagamento de uma quarta parte das crias, efetuado decorridos cinco anos, segundo PRADO JR. (1963), possibilitava ao vaqueiro receber muitas cabeças de gado de uma só vez, sendo o suficiente para se estabelecer por conta própria. Podendo adquirir terras ou o mais comum, arrendá-las, sendo esse um dos fatores para a multiplicação de fazendas.

Entretanto, para PUNTONI (2002) embora o vaqueiro se encontrasse na condição de “liberdade do trabalho”, estava submetido ao “escravismo”, mediante as responsabilidades extremas a ele entregues, sendo que qualquer descompasso poderia ocasionar-lhe prejuízos. Além do que, a economia pastoril gerava uma forma “*societária específica*”, por se tratar de um sistema de trabalho no qual remuneração e organização social estavam submetidos a regras estritas de dependência e lealdade.

Deste modo, fica elucidado que a origem do vaqueiro sertanejo não advém apenas da união entre o indivíduo caucasiano com a índia, gerando o mestiço mameluco, mas que além deste, houve a presença de outras etnias, podiam ser encontrados nos sertões baianos vaqueiros com as seguintes denominações populares: cabras, mulatos, crioulos, mamelucos, pretos, pardos, fossem escravizados ou não, em grande medida, estas expressões subsistem até os dias de hoje. Na própria região de Itaberaba ainda por volta do século XIX, antes da abolição da escravatura, foram encontrados em inventários e cartas de liberdade vaqueiros escravos e não escravos com estas mesmas denominações, aparecendo o vocábulo “crioulo” com maior frequência em tais documentações, conforme apresentou o historiador Tadeu Baliza de Souza Júnior (2015), em um estudo sobre peculiaridades do sistema escravista nesta região no século XIX. De igual modo, tanto ABREU (1960), quanto ANTONIL (2014) apresentaram a figura do vaqueiro em suas múltiplas etnias, que entendemos como resultado das diversas relações sociais que se estabeleceram pelos vastos sertões baianos, ainda no período colonial.

---

<sup>6</sup> O autor não especifica como funcionava o sistema de pagamento denominado “giz”.

### 3. Historiando o Ofício do Vaquejar

Na região de Itaberaba, desde seus primórdios, por volta dos séculos XVII e XVIII, a economia desenvolveu-se a partir da agricultura e da pecuária, desta em maior grau do que aquela. Sobretudo, nas terras do mestre de campo da Casa da Ponte, Antônio Guedes de Brito e seus herdeiros. Assim, compreendemos que o vaquejar apresenta, desde sempre, grande importância na cultura local.

Ainda hoje, no século XXI, se pode ouvir o aboiar do vaqueiro trabalhando, tangendo gado através da caatinga, soltando-os no pasto ao alvorecer e recolhendo-os aos currais no fim do dia. Um de nossos depoentes, chamado popularmente como “Da Costa”, relatou que no início de sua vida como vaqueiro, encontrou muitas dificuldades devido a grande quantidade de gado que havia por essas terras, por volta da década de 1970. [...] “na maioria do tempo nessa época era você tomar um café dimanhã e ir jantando e almoçando à noite”<sup>7</sup>.

Em outro depoimento, o vaqueiro Mascarenhas, lembra que por volta das décadas de 1960 a 1970, o trabalho do vaqueiro era excessivo e *brutal*, por conta da expansão das propriedades e dos rebanhos, a pecuária exigia maiores esforços, pois na maioria das vezes o gado era criado em “campo solto”, sendo preciso percorrer muito chão para por os olhos sobre o rebanho, ou em algum animal arisco disperso:

[...] porque naquela época os fazendeiro era pouco, digamos... aqui tinha fazenda aqui, Itaberaba, ia até lá no Campo Alegre, lá na volta do rio (Paraguaçu), Lagoa Verde, tudo distante uma da outra. Mais nesse lugar, tudo era um campo só, num tinha cerca, então o gado de lá comia, vinha pra cá, o daqui ia pra lá [...] <sup>8</sup>

As memórias de Mascarenhas referem-se às experiências de quando trabalhava em “campo solto”, explicitando a necessidade pela qual se fazia os encontros de vaqueiros, a chamada vaquejada, habitualmente realizada em dias de descanso, sobretudo aos domingos, pois demandava a solidariedade de vaqueiros de outras fazendas para capturar um / ou alguns animais. Esses encontros de vaqueiros proporcionavam momentos de sociabilidades entre os mesmos, que sob a incumbência de um trabalho árduo como o de vaquejar, nas vastidões dos campos, uns ajudavam os outros, apreciando a vaquejada como uma diversão, constituindo laços de amizade.

A falta de cercamentos e a imensidão de fazendas naquele período (décadas de 60-70), nos leva a pensar em um sistema agrário adaptado à realidade regional, quanto à

<sup>7</sup> Entrevista do vaqueiro Sr. Da Costa 64 anos, residente no município de Itaberaba /BA – Zona rural. Exerce a profissão desde os onze anos. Entrevista concedida em: 23/04/2016.

<sup>8</sup> Entrevista de Sr. Mascarenhas, vaqueiro e administrador de fazendas, 76 anos de idade, residente em Itaberaba / sede, concedida em 23/04/2016.

organização de latifúndios e à falta de cumprimentos de suas leis, em relação ao uso das terras e seus limites entre propriedades. A memória resgatada nos sugere que, muitas vezes, havia a condescendência do dono sobre o uso de suas terras, gerando fluidez nas relações de territorialidade entre fazendeiros e vaqueiros.

Quanto às dificuldades apresentadas no vaquejar, no tempo de sua juventude, para Sr. Mascarenhas o vaqueiro agia com alguma ignorância na execução de seu ofício, extrapolava o tempo correndo com uma rês, insistindo até que o animal fosse pego para dar satisfação ao patrão, o objetivo era capturar a rez de qualquer jeito, maltratando tanto os animais, quanto a si próprio, razão pela qual ele compreende o vaqueiro de sua época como menos civilizado:

[...] o vaqueiro antigamente era muito brutal, até com ele mesmo, como eu mesmo já fiz, correr com gado nove hora do dia, pegar até duas... três da tarde sem almoçar, sem nada. Pegar aqui da beira de Itaberaba pra ir marrar o boi na beira do Paraguaçu, (...) Então isso era um negócio muito estúpido que a gente fazia com a gente próprio, e com o próprio animal, correndo a vida toda né, hoje em dia não acontece mais isso, então, o vaqueiro hoje tá mais civilizado [...]<sup>9</sup>

Contudo, apreendemos em seu depoimento, que não seria apenas questão de “civilização” o que viria mudar o comportamento do vaqueiro em seu trabalho e influenciar em seus hábitos no trato com o gado. Ao mencionar que “*teria que dá satisfação ao patrão,*” mostra que seus esforços extrapolavam sua vontade. Para o Sr. Mascarenhas, deveria existir entre vaqueiro e patrão uma relação de confiança, tendo como resultado um trabalho duro e excessivo.

Já o Sr. Santos, sobre a forma como lida como o patrão descreveu da seguinte maneira: “*são uns patrões muito bons! Eu não falo mal porque eles confia na gente, o que vale é você ter a confiança do patrão, os patrão às vezes passa ano sem vir na fazenda, a gente é quem compra e vende, eles não vai em curral contar o gado*” [...]. Para o Historiador Rodrigo Freitas Lopes (2009), ainda no século XIX, em fazendas de criar, havia o absenteísmo de fazendeiros baianos que, habitando à Capital da Província da Bahia, deixavam suas fazendas entregues aos seus vaqueiros, responsáveis pela comercialização de seus rebanhos.

Com fim da escravidão, trabalhadores “livres e especializados” reafirmaram atitudes que os diferenciou da mão-de-obra comum, o papel crucial na contagem e partilha de animais das fazendas, implicavam no aumento de responsabilidades e, conseqüentemente, seu prestígio social (NASCIMENTO, 2008).

---

<sup>9</sup> Entrevista de Sr. Mascarenhas, concedida em 23/04/2016.

Ao reportarmos sobre a pecuária extensiva que se estendeu até o final do século XIX, onde o absenteísmo do criador não era incomum, embora o vaquejar exigisse mão de obra mais qualificada, apresentou aspectos diferenciados de uma região para outra, sobretudo nos sertões baianos. Assim, em certas propriedades alguns vaqueiros cuidavam do gado e dos serviços associados à criação, sendo também responsáveis por comercializar o rebanho, fazer a partilha, organizar as ferras, etc. Já em outras, era o administrador de fazendas responsável por essas funções conforme apresentou NASCIMENTO (2008) ao analisar entre outros documentos, algumas cartas de correspondências entre vaqueiros e patrões, especificamente em Geremoabo – BA. Deste modo, em análise aos depoimentos dos vaqueiros supracitados nessa pesquisa, acordando com LOPES (2009), sobre o absenteísmo do criador no século XIX, e, conseqüentemente, a responsabilidade do vaqueiro de cuidar e comercializar o gado, esse modelo ainda se estabelece em pleno século XXI na região de Itaberaba, pelo menos no universo que engloba os vaqueiros entrevistados.

Quanto às indumentárias e ao modo de trajar do vaqueiro, além de servir com um artefato de proteção, representa seus valores culturais, demonstra identidade com a profissão. O trajar do vaqueiro é de um indumento singular que o define e o distingue do homem de outras culturas brasileiras (BOAVENTURA, 1989). Tais vestimentas também estão relacionadas ao prestígio social, sobretudo, por conta de seu alto custo de produção (NASCIMENTO, 2008).

O preço do uniforme sempre apresentou valores significativos nesta região, continua assim nos dias atuais, podendo chegar ao valor de R\$ 5.000,00, segundo o Sr. Santos. Estas roupas tipicamente feitas de couro, usadas pelo vaqueiro sertanejo, são compostas por chapéu de couro, parapeito ou peitoral, jaleco, gibão, luvas, calção, perneiras, botas ou sapato-de-vaqueiro, utilizados por vaqueiros veteranos e outros ao adentrar pelas brenhas dos sertões baianos. Atualmente, é comum que as indumentárias pertençam à fazenda em que o vaqueiro presta serviço.

Embora de extrema importância para a proteção do vaqueiro, especificamente em Itaberaba, o uniforme completo já não continua sendo usado frequentemente pela maioria deles. Conforme explicações dos mesmos, o gado tornou-se manso, devido às extensões das pastagens, quase não havendo a inserção de gado em capoeiras ou campos extensivos.

Considerando a região de Itaberaba como um espaço onde a pecuária é uma cultura que se mantém forte, percebemos que o vaquejar praticado há 30 e 50 anos, tem se diferenciado ao modo atual em alguns de seus aspectos, a partir do que depreendemos das

memórias resgatadas em depoimentos dos vaqueiros desta região. Notamos mudanças no modo do vaquejar, apresentado atualmente como um trabalho menos cansativo, sobretudo por conta da criação em pastagens mais restritas, onde o gado sob o manejo do vaqueiro tornou-se manso. Isto implica por sua vez nas práticas culturais, na diminuição progressiva dos encontros de vaqueiros, que resultavam nas vaquejadas.

O modo do trajar do vaqueiro também apresentou mutações, hoje em dia já não se usa com a mesma frequência, as indumentárias de couro que compõe seu uniforme tradicional de trabalho. Assim, em decorrência de mudanças no vaquejar, o vaqueiro vem apresentando um novo perfil, deixou de ser o tipo *brutal*, como referiu-se o Sr. Mascarenhas em relação ao passado, nem é mais a “[...] *figura escultural e primitiva*[...]”, “ornamento” da cultura nacional. (BOAVENTURA, 1989, p. 25).

#### 4. As Práticas Culturais do Vaqueiro

No transcorrer do seu trabalho, o vaqueiro está sujeito a perigos, dificuldades e desafios naturais constantes. Ao sair para o campo, seus conhecimentos adquiridos durante anos de experiências, podem ser a peça chave para superar dificuldades de forma aparentemente natural, se valendo de práticas e saberes populares ancestrais. Os conhecimentos herdados, passados de pais para filhos ou de avôs para netos, podem surtir resultados eficazes durante suas atividades laborais.

Uma prática cultural importante, e atualmente caindo em desuso, é o ato de se benzer ao sair para o campo, e tal ação faz parte de uma das crenças do vaqueiro que tem por certo, que esse simples ritual lhe trará proteção de tudo quanto for perigoso em determinadas circunstâncias, algo que remonta à tradição cristã europeia, e que sofreu adaptações no contato com a cultura afro-ameríndia desde os tempos coloniais.

A benção faz parte da cultura popular brasileira, sendo “*a benção, objeto múltiplo e específico do ato de benzer*” (OLIVEIRA, 1985, p.10). Constituindo-se numa prática comumente exercida por diversas categorias sociais, desde pais, padrinhos, benzedeiros, padres, tios, até instituições religiosas, onde geralmente os mais velhos benzem os mais novos.

A benção tornou-se um recurso e é um ato corriqueiro para o vaqueiro, seja antes de sair para as refregas, ou ao se preparar para amansar animais. O Sr. Santos expôs sua confiança no costume, ao fazer o sinal da cruz, ao relatar sua experiência em uma de suas funções, que é a prática de amansar animais (equinos) bravos: “*Por incrível que pareça eu domei muito animal na minha região lá, ... eu sou um cara que já montou em mais de*

*duzentos animais brabos, mais só faço pelo sinal, o sinal da cruz e peço graças a Deus, até ontem nenhuma cilha estourou comigo [...]*<sup>10</sup>

Ele denomina os seus livramentos da cilha ao ato da benção, como se esse simples ritual lhe trouxesse proteção. Vale mencionar que a cilha é um acessório que faz parte dos arreios usados em animais, sendo especificamente uma “cinta” comumente feita de couro, que mantém a sela sobre o lombo do animal, e precisa estar bem ajustada para que a sela não vire para baixo derrubando o cavaleiro.

Existem outras diferentes formas de benção para diferentes tipos de problemas, partindo desde o ato simples de se benzer e pedir uma bênção ou livramento, até a prática de rituais com rezas, plantas e outros elementos que fazem parte de certos rituais de cura. Os vaqueiros entrevistados nesta pesquisa incluem-se também nesse universo religioso, de conhecimentos e saberes que unem o devoto às práticas de cura; eles usam o ato da benção utilizando-se de plantas, ervas, raízes, rezas, e alguns outros objetos simbólicos, na arte de curar animais. Deste modo, a benção pode ser compreendida como uma prática social e cultural, um elemento importante para entender a vida das pessoas em diversas sociedades (OLIVEIRA, 1985).

Entretanto, desde o início da colonização Portuguesa houve repulsa pelas práticas populares de cura e práticas mágicas, durante os primeiros séculos no Brasil Colônia, várias doenças acometeram a população, e em decorrência da ausência de conhecimentos sobre saúde pública, muitas enfermidades tornavam-se fatais; assim, a recorrência às práticas populares de cura, era um dos meios de procurar soluções para tantas mazelas. (VIOTTI, 2012).

A princípio, os jesuítas demonstraram-se responsáveis entre outras incumbências, em resguardar a saúde dos gentios, e, estabelecer a “cura das almas”. Em seu trabalho de catequese, tentou *“expurgar aqueles rituais mágicos que até então se mostravam tão eficientes entre os nativos”*. (VIOTTI, 2012, p. 17). Afirmando-se como os responsáveis em assistir a saúde da população da colônia, por dispor de médicos, enfermeiros e boticários, no século XVIII tornaram-se donos de grandes boticas oferecendo de medicamentos de uso comum em Portugal, como advindo de seus experimentos no Brasil.

Vale ressaltar que os missionários se apoderaram de algumas práticas de cura indígenas<sup>11</sup>, muitas das quais outrora menosprezadas por esses mesmos religiosos,

---

<sup>10</sup>Entrevista do vaqueiro Sr. Santos, 45 anos, residente no município de Itaberaba, zona rural. Concedida em 18/02/2016 em Itaberaba – sede.

<sup>11</sup>Práticas de cura neste trabalho dizem-se respeito a atos comuns e concretos em nosso cotidiano vividos através da medicina popular, como manipulação e uso de raízes, ervas e plantas para tratamento de diversos problemas de saúde física e /ou espiritual, Ver: OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular?** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. Dentre práticas de cura desenvolvidas por jesuítas advindas de conhecimentos autóctones, encontra o uso da triaga Basílica, um antídoto composto por plantas, raízes e ervas brasileiras utilizadas contra picadas de animais venenosos, entre outras enfermidades.

ganharam notoriedade na medida em que passaram a desenvolvê-las graças aos conhecimentos dos ameríndios.

Conseqüentemente, pessoas adeptas às práticas mágicas<sup>12</sup>, durante longo período no Brasil passaram por repressões, discriminações e até atos de violência, tendo suas crenças e seus costumes dificilmente respeitados e tolerados<sup>13</sup>. Denominavam-se feiticeiros àqueles que exerciam saberes antigos, provenientes de povos europeus, indígenas ou africanos, utilizando-se de ervas, rezas, orações, benzeções, entre outros elementos, na prevenção e na cura de doenças. Em consequência da carência de médicos, recorriam às práticas mágicas em busca de solução para seus problemas e com isso, preservaram seus saberes, difundindo-os ao longo do tempo e sobrevivendo até aos dias atuais.

A análise do vaquejar permitiu-nos perceber que o vaqueiro muitas vezes possui uma “dose” de segredo no desempenho do seu trabalho. Crenças e superstições, atreladas a algumas práticas de cura, podem ser encontradas em escritos sobre histórias de vivências de vaqueiros. Por exemplo, em *Histórias de Vaqueiros - Vivências e Mitologias* (QUEIROZ, 1988), encontramos uma diversidade de causos, contos e histórias narrados por vaqueiros do sertão baiano.

Em Itaberaba, encontramos exemplos de algumas. Caso algum animal se encontre ferido, existem rezas e rituais que podem curar bicheiras e outras doenças. O Sr. Fernandes relatou que, geralmente, esses conhecimentos são passados de pais para filhos, ou até mesmo através de rezadeiras, e se o vaqueiro for devoto de algum santo Católico, ele intercede àquele santo no momento da oração, mas realiza seu ritual de cura considerado pagão, em um amálgama de crenças que reconstroem a origem étnica do sertanejo baiano.

A cura através de práticas mágicas é uma das experiências contadas pelo Sr. Mascarenhas, que em seus relatos diz o seguinte:

Alguns vaqueiros... uns acredita até, que rezando um bicho que tenha no mato...Tem umas certas rezas que às vez cura bicheira, e as vez da certo né. Eu por exempe, tem algumas coisas que eu sei fazer com o animal no campo que dá certo. Por exempe, a cura mesmo de uma bicheira né, a gente tem uma pequena rezinha que, um detalhe que você faz uma pequena cruzinha com uma rama verde ou com uma folha de capim... três folhas de capim, você cruza no rastro da rês e diz umas pequenas palavrinhas, com três dias você vai lá e a bicheirinha tá murcha,não tem

---

Ver: VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As Práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual Paulista, Franca. 2012, p.18-19.

<sup>12</sup> Práticas mágicas neste trabalho referem-se aos rituais de cura ou para outros fins, utilizando-se de rezas, orações, patuás, elementos naturais, animais, vegetais e/ ou simbólicos.

<sup>13</sup> Sobre tais abusos e intolerâncias, ainda no período colonial, segundo Mott (2010), em 1591 o Santo Ofício fez a primeira visitação à Bahia e em diversas partes do Brasil com intuito de punir pessoas acusadas de crimes de heterodoxia, e, heresias, sendo uma das heresias a prática de “feiticaria”, tal qual chamada também naquela época de mandingas e calundus. O poder eclesiástico mandava açoitar os “feiticeiros” praticantes de rituais africanos e ameríndios, entretanto, não conseguiu por fim em tais práticas.

mais nada! Isso acontece comigo e acontece com várias pessoas também né, acontece sempre ter esses detalhe [...] <sup>14</sup>

Através do Sr. Mascarenhas, percebemos que nesse pequeno ritual, de “*palavrinhas não reveladas*”, existe também a presença de alguns elementos simbólicos: folhas verdes e o símbolo da cruz; elementos comuns entre benzedeiras e rezadeiras, no momento de benzer alguém ou alguma coisa. Mais um exemplo de adaptações culturais e simbólicas necessárias ao homem do sertão.

Em *Histórias de vaqueiros: Vivências e Mitologia* há diferentes tipos de rezas relatadas por vaqueiros e que são utilizadas para curar bicheiras de animais, no dia-a-dia de seu ofício. A experiência do Sr. Mascarenhas aludida acima, muito se assemelha ao relato do vaqueiro Benedito Januário da Silva,

A rês no mato, a gente cura uma bicheira im quarqué lugá da rês. A gente cura de palavra, a rês tano no pasto ou daqui uma légua ou duas; a gente tano daqui. Agora, se a rês incruzano um rio cum a água corrente, tem de sê uma cura mais diferente, tem que fazê uma sigurança, uma cura de palavra. E, se a rês num tá incruzano uma água, é uma cura normal, de palavra também! Se a rês ... tem um rio no mei corrente, a gente sobe pra riba dum pau – um pauzim no chão assim do tamãim [...], mais ou meno um parmo ou dois parmo - , tira os pé do chão e faz a mesma cura, do mesmo jeito que cura se a rês num tá incruzando água, só faz diferençá...que tira os pé do chão. Aí a rês pode incruzá água todo dia, pra lá pra cá, que a cura pega! Agora se num subi (r), num sai (r) da terra, aí a cura num pega, num serve! A cura de gado é uma cura de qualqué palavrinha que se diz, um Pade Nosso, uma coisa... É fazê uas ixperiênça da gente cum a fé! As palavra num é... a gente rezá um Pade Nosso, oferecê a Nossa Senhora do Disterro, oferecê [a] uma santa que a gente tem mais fé e pronto! Às vez eu tô cum a rês no mato, ás vez eu gosto de curá assim: faço a minha cura, as minha palavra ali, tiro duas foia de **velame**, aí incruzo no rasto da rês; digo as mesma palavra e incruzo no rasto da rês, aí pronto! É três dia, a fé do velame! Incruzano verde, é três dia! Num sei porque não... velame parece que tem uma força! Só é um Pade Nosso, uma Ave-Maria e oferecê aquela santa que a gente tem aquela fé. E a diferença... porque se a gente curá uma rês aqui na terra, cum os pé no chão, e a rês incruzá água, a cura num pega. A gente tem que subi (r) um parmo no chão, não de pedra, é pau. Tudo isso é Ixperiênça do vaquero! (QUEIROZ, 1988. p. 136-137).

Embora exista alguma semelhança no modo de curar bicheira, entre os dois vaqueiros citados, cada um possui sua singularidade; pequenos detalhes que diferem uma prática da outra, de acordo com suas crenças e conhecimentos. O vaqueiro Benedito Januário da Silva, para curar um animal que está do lado oposto de um rio, é preciso que faça a “diferença”, ou seja, subir em um pequeno tronco de madeira e fazer o ritual, senão a reza não funciona.

---

<sup>14</sup> Entrevista do Sr. Mascarenhas concedida em 23/04/2016.

O Sr. Fernandes, ao relatar suas experiências, já fez referências a outras especificidades. Para ele, se o animal estiver do lado oposto do rio, a reza não serve. Relatando o seguinte: [...] “*é assim, você reza a bicheira, se a rês... aqui é o rio... se a rês tá desse lado, essa reza só vem até aqui, pra cá num passa [...] não, não... água corrente não!*” [...].<sup>15</sup> Para o Sr. Fernandes, se no campo houver um rio, precisa-se saber em que lado o animal está, pois, a reza não atravessa água corrente, se o animal estiver do outro lado do rio, a oração não terá efeito algum. Depois de feito o ritual, seja utilizando uma palha, uma folha de capim ou outra planta que esteja verde, a folha é jogada para trás das costas, e o vaqueiro não deve olhar para trás ao sair do local.

Ainda afirma o Sr. Fernandes, que existe um método de curar pelo rastro do animal, porém, ele não o adota, demonstrando um ar meio supersticioso ao dizer: “[...] *tem outro que faz aquele cinco salomão, mais eu num gosto de fazer [...] fazer no rastro do bicho o salomão pode ser que atrase o bicho, [...] pode ser que nego bata um torno ali... eu!*”.<sup>16</sup>

“O Salomão”, ao qual o Sr. Fernandes se refere é o símbolo do “Selo de Salomão”, também conhecido como “estrela dos judeus”, conforme o dicionário dos símbolos<sup>17</sup> possuem significados diferentes. Para o Sr. Fernandes, caso alguém crave algum pedaço de madeira sobre o símbolo no rastro do animal, pode atrapalhá-lo, além do mais ele vê o símbolo como um negócio que não é de Deus.

Vale ressaltar que o Selo de Salomão está relacionado à história dos judeus, Salomão foi um rei judeu poderoso, filho de Davi, de quem herdou o imenso trono reinando sobre Israel por 40 anos aproximadamente, de 970 a 930 a. C. Entretanto, não nos cabe neste espaço seguir uma linha cronológica da história dos povos judeus.

Todavia, é válido mencionar que no período medievo esses povos viviam entre muçulmanos e cristãos na Península Ibérica e atingiram posições prestigiosas tanto na área política, quanto na econômica e intelectual, equivalendo seu estilo de vida ao das classes aristocráticas. E ainda naquele período foram perseguidos pelo Cristianismo, (NOVINSKY, 1985).

O confronto entre cristãos e judeus se inflamou, sobretudo, por questões religiosa, social e político-econômico, a centralização de poder no final do século XV que defendia uma só lei, um só território e uma só religião, aumentou às perseguições que já vinha acontecendo contra esses povos. No século XIV a Igreja se empenhou em distribuir pedidos de restrição às atividades dos judeus, espalhando propagandas antijudáicas e os culpando

<sup>15</sup> Entrevista do Sr. Fernandes, concedida em 24/09/2017.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> **Dicionário de símbolos:** significado dos símbolos e simbologias. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/> Acesso em 23/03/2017.

pelos males que atingiam a nação. Ainda no mesmo século houve um massacre de 4.000 judeus (NOVINSKY, 1985).

Os motivos desta reticência do Sr. Fernandes e sua impressão sobre o Selo de Salomão resultam do fato de que desde a Idade Média na Europa, era atribuído a este símbolo significado místico, relacionado a rituais de magia e de feitiçaria<sup>18</sup>. Período este, em que o judaísmo foi terrivelmente perseguido e acusado de heresias<sup>19</sup> pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. No período da Inquisição, dentre alguns colonos do Brasil queimados na metrópole, seis foram enviados da Bahia, [...] *“todos condenados pelo crime de judaísmo”* (MOTT, 2010, p.25).

Vale também mencionar entre as práticas de cura dos vaqueiros itaberabenses, o preparo de garrafadas com função medicinal para cura de algum animal doente, considerado prática costumeira. Porém, mediante a oferta cada vez mais acessível de produtos veterinários, mais a facilidade de se deslocar para a cidade para a compra desses medicamentos, essa prática vem caindo em desuso. Na memória do Sr. Santos, *“anterior não era assim, tinha que se virar pelo mato fazer uma garrafada, uma coisa, e hoje praticamente essa parte mudou muito, você... hoje pra cuidar do animal é muito mais fácil”*.<sup>20</sup>

Não obstante, este relato demonstra o quanto à medicina popular já servira como aliada do vaquejar, sendo muitas vezes o único recurso medicinal que o vaqueiro tinha acesso para curar animais. O Sr. Santos nos apresenta um pouco de sua experiência, quando se fazia necessário que o vaqueiro utilizasse desses métodos para salvar animais em situações complicadas,

[...] eu vou te citar assim um exemplo né, a vaca mesmo no parto, que hoje tem vários tipos de injeções pra você facilitar pra ela ter um parto normal, mais antes quando a vaca não despachava como a gente chama, ela segurava ali o parto, você pegava dois, três tipos de erva que a gente fazia com uma erva que chama maravilha, e o são João, a palma né, que ajudava que é fresca, aí você pisava aquilo ali e coava ali e colocava água e colocava num pano e espremia ali e tirava aquele sumo, colocava um pouco de sal e dava, raramente você perdia um animal com esse tipo de remédio. Já vem dos meus avós<sup>21</sup>.

Apesar de parecer simples o preparo da garrafada, é uma prática que faz parte das curas populares, e que por muito tempo fora utilizada no ofício do vaquejar. É preciso ter o conhecimento das ervas com que se faz a composição da garrafada, e para que tipo de

<sup>18</sup> Ver: **Selo de Salomão**. Disponível em <http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/simbolos-e-objetos/1432-selo-de-salomao.html> > Acesso em: 19/05/2017.

<sup>19</sup> O conceito de heresia provém da palavra herege, original do grego hairesis e do latim haeresis, significa “doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja em matéria de fé” (NOVINSKY, 1982, P. 10).

<sup>20</sup> Entrevista de Sr. Santos concedida em 18/02/2017.

<sup>21</sup> Idem

problema ela convinha, valendo-se assim do que a natureza disponibilizava, sem deixar que o animal viesse a morrer.

Esse conhecimento é ancestral, de pessoas que aprenderam com seus antepassados. As práticas de cura com utilização de ervas perpassam de geração em geração, porém no vaquejar, a exemplo da garrafada, vêm entrando em desuso diante da modernização dos tratamentos e da medicina veterinária cada vez mais acessível aos criadores, assim como pelo fato de que as tradições, quase sempre ensinadas através da oralidade, vem acompanhando o decréscimo do trabalho de vaqueiros como os conhecemos tradicionalmente, resultado das mudanças de costumes no século XXI, na era do dilúvio de informações, no dizer de Pierre Lévy (1999) ou da sociedade líquida aventada por Zygmunt Bauman (2001). Essas mudanças, serão tratadas com maior atenção nas páginas seguintes.

## **5. O Vaqueiro Contemporâneo: Mudanças no Ofício, Costumes e Sociabilidades**

Vaquejar é um ofício que começou no Brasil desde o período da colonização Portuguesa conforme citamos no início deste artigo. Entretanto, no decorrer dos séculos, a figura do vaqueiro vem passando por algumas transformações que implica nas práticas e costumes deste. Hoje, ao analisarmos o perfil do vaqueiro contemporâneo, essa imagem “cristalizada” em relação ao vaqueiro tradicional, adornado em suas vestimentas de couro, ou pelo menos portando um jaleco e chapéu de couro, sujeito forte, destemido, porém desengonçado, tornou-se tão romântica quanto retrógrada.

Ao adaptar-se às condições de trabalho, que oferece o meio no qual realiza suas tarefas cotidianas, bem como ao atualizar-se constantemente, em relação às modernizações do mundo atual, o vaqueiro tende a apresentar novas características e comportamento.

É incomum pensar historicamente o vaqueiro. De acordo com REIS (2012, p. 24), “*no tocante ao campo da historiografia, o vaqueiro é dum sujeito silenciado, sobre ele predomina uma visão generalizante*”. Há muito, o vaqueiro possuiu um lugar estigmatizado na visão de historiadores, que absorveram de forma acrítica a figura desse sujeito histórico apresentada em obras literárias e memorialísticas, nas quais lhe atribuíam uma imagem generalizada. As alusões feitas ao sujeito vaqueiro ainda por volta dos séculos XVIII e XIX, por viajantes, cientistas e estrangeiros<sup>22</sup> que percorreram o Brasil, apresentadas em seus primeiros relatos, demonstraram suas más impressões, criando uma imagem negativa sobre esse personagem como um sujeito isolado, pitoresco e rude.

Concomitante, no final do século XIX para início do século XX, intelectuais brasileiros procuraram explicar a cultura nacional, mediante teorias que definissem as peculiaridades

---

<sup>22</sup> Ver: SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Karl Friedrich Von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Trad. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968. Vol. 1.

brasileiras e não mais através de teorias importadas. “*O dilema dos intelectuais desta época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que consubstancia na construção de uma identidade nacional. A Interpretação do Brasil passa necessariamente por esse caminho, daí a ênfase no estudo “do caráter nacional” [...]*” (ORTIZ, 2006, p. 15).

Simultaneamente, com a nova historiografia proposta a partir dos anos 1930 pelos Annales<sup>23</sup>, pautada em novas abordagens teórico-metodológicas, surgiram novos estudos com ênfase nos silêncios e no cotidiano de pessoas comuns, entre elas o vaqueiro, que passara a ser visto não mais a partir de uma visão genérica, mas como um sujeito complexo, suas relações de poder e de subserviência passaram a ser repensadas (REIS, 2012). Assim, para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, dentro de um contexto geo-histórico, e de um sistema estratégico político-econômico, surgiu o esforço de elaboração de uma memória social, cultural e artística, surgindo a busca por símbolos que representassem um determinado espaço, enquanto região – o Nordeste<sup>24</sup>, utilizando-se de discursos imagéticos como forma de legitimá-lo. Surgindo peculiaridades idealizadas, como o vaqueiro, sertanejo autêntico do sertão baiano, no olhar de Eurico Alves Boaventura (1989).

Assim, lança-se mão de topos, de símbolos, de tipos, de fatos para construir um todo que reagisse à ameaça de dissolução, numa totalidade maior, agora não mais dominada por eles: a nação. [...] traçam-se novas fronteiras que servissem de trincheiras para a defesa da dominação ameaçada (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.80).

Quanto às mudanças no vaquejar, transformações cada vez maiores nas zonas de criação de gado, corroboraram para modificações nas atividades do vaqueiro, uma vez que o vaqueiro deixará de lidar com obstáculos comuns à criação de gado extensiva. E assim, o vaqueiro, personagem histórico “*tetracentário*” e suas histórias, poderão cair no esquecimento (QUEIROZ, 1987). Torna-se crível analisar, que o vaqueiro tende a adaptar-se às novas possibilidades do seu trabalho, transformando o vaquejar através de novas práticas. Ao indagar ao Sr. Da Silva sobre mudanças no vaquejar, de acordo com sua percepção no decorrer de seus trinta anos na profissão, respondeu-nos da seguinte maneira:

Olha, eu acho que mudou assim, porque vaqueiro antigamente era aquela coisa assim, sei lá, era aquela tradição. Aí o pai era vaqueiro aí o filho se aliava ali, ia ser vaqueiro também, exigia muita coisa sabe, o cara tinha... Como eu tava falando, tinha que correr atrás do gado, o gado era bravo! Aí você tinha que ter, sei lá...a coragem de fazer aquilo. E hoje mudou, que

<sup>23</sup> Sobre os Annales ver: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história**. Ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

<sup>24</sup> De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, até meados da década de 1910 o nordeste não existia, ele nasce da construção de uma totalidade político cultural como reação a percepção de perda de espaços políticos e econômicos por parte da aristocracia rural da cana e do algodão, e comerciantes e intelectuais vinculados a esta. É construído como um lugar de utopias, de sonhos e de revoltas. Ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo, 5. Ed. Cortez, 2011.

muita pessoa... Cara que quase nunca muntou num cavalo é vaqueiro. Não é desmerecendo aos nossos colegas não, mais tem colega de trabalho que é vaqueiro que não sabe nem selar um cavalo. Antigamente não existia isso não. (risos), ou você tinha raiz, era vaqueiro, ou então não trabalhava, porque o patrão exigia. Exigia, tinha que pegar, coisa e tal, hoje não, hoje mudou muito! (...) <sup>25</sup>

Ser vaqueiro há algumas décadas para Da Silva, era “tradição familiar”, uma prática comum de família, era costume que os pais vaqueiros fossem seguidos no ofício pelos filhos, que habitualmente começavam a trabalhar desde crianças como ajudante de vaqueiro e também na agricultura. Assim, o Sr. Santos<sup>26</sup> relatou-nos da seguinte forma: “aos oito anos de idade meu pai já me levava para o campo no cabeçote da sela, aos treze anos, comecei a trabalhar de vaqueiro. Ainda muito cedo, comecei a aprender as táticas do ofício”.

Analisando o que diz Da Silva, que a profissão exigia “raiz”, era “tradição”, em que o pai passava para o filho “as táticas” do ofício, costume cada vez menos frequente. Assim, tradição pode ser entendida como “*transmissão oral de fatos, lendas, valores espirituais, etc. através das gerações, Costume, uso, praxe*”, segundo o minidicionário LUFT (2000, p. 645)

O conceito de *tradição* é amplo e definido, diz respeito tanto às tradições inventadas e institucionalizadas, quanto às que surgem informalmente em tempo e espaço não identificados, porém se estabelecem rapidamente como se fossem antigas. As tradições inventadas são compreendidas como um conjunto de práticas de natureza real ou simbólica, e propõem manter certos valores e modelos de comportamento visando dá continuidade ao passado real ou forjado, através de práticas fixas como a repetição. Entretanto, à medida que existe referência a um passado histórico, as tradições inventadas tendem em constituir com este um seguimento bastante artificial, [...] “é o *contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social*”. (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p. 9-10).

Desta feita, associamos tal conceito ao ofício do vaqueiro, que a partir de um conjunto de práticas e experiências instituídas no passado, muitas das quais advindas de seus bisavôs e avôs, a quem tem como referências, procuram manter através da repetição certas práticas, como as práticas de cura já citadas, e as táticas que aprendiam desde criança. Entretanto, entendemos que embora visem dá continuidade ao modo de trabalho do passado, em detrimento das constantes mudanças no mundo atual, torna-se inviável manter invariável certos aspectos de sua cultura atual. É o que depreendemos da situação posta pelo depoente em relação às mudanças culturais na sociedade em que os vaqueiros trabalham. Já não se pode pensar o vaquejar a partir de um conjunto de práticas e de comportamentos

<sup>25</sup> Entrevista do vaqueiro Sr. Da Silva, concedida em 29/07/2017.

<sup>26</sup> Entrevista do Sr. Santos, concedida em 18/02/2017.

instituídos em um passado histórico, com a repetição dos mesmos hábitos e costumes. Assim, essa continuidade do passado que se pretende manter em relação ao vaquejar, pode ser vista como uma continuação “artificial”, forjada, resignificada.

Ainda sobre as mudanças no ofício, o Sr. Santos relatou que devido às pastagens estarem mais limpas, e o gado estar sendo criado, em sua maior parte, em propriedades cercadas, o trabalho do vaqueiro não é mais tão cansativo; além disso, o número de gado diminuiu, e com a falta de chuva regular diminuíram também os rebanhos. A mesma causa fez com que muitas espécies de pastagem não sobrevivessem às secas, sem falar que houve a substituição de raças bovinas, por outras mais adaptadas à região.

Quanto ao aspecto das mudanças de costumes e de sociabilidades, o Sr. Mascarenhas em sua entrevista disse que, *“hoje em dia tem vaquejada, mais é vaquejada pra correr boi ni (em) pista, antigamente corria boi no mato, esse é que é o vaqueiro né!”*<sup>27</sup>

Mediante as narrativas analisadas, percebemos através das memórias resgatadas pelos vaqueiros, que o serviço duro e cansativo também lhes oferecia momentos de alegrias, solidariedade e sociabilidades. Entretanto, esses laços de sociabilidades entre os vaqueiros, também vêm se perdendo.

Nas décadas de 70 e 80, diz o Sr. Mascarenhas, que o tipo de vaquejada praticada por ele e outros vaqueiros de seu tempo era, assim como também pontua o vaqueiro Da Silva, uma espécie de “digitório”<sup>28</sup>. Ou seja, vaqueiros de diferentes fazendas se reuniam para *“correr com boi no mato”*<sup>29</sup>, por conta da dificuldade que existia em prender algum animal bravo disperso em campo solto, ou até mesmo vários animais que, depois de algum tempo sem o manejo do vaqueiro, se embraveciam soltos em fazendas de grande extensão.

A inexistência de cercamento entre algumas propriedades era um dos fatores que propiciava esses encontros de vaqueiros, uma vez que gados de fazendas diferentes acabavam se misturando ou então trocando de território temporariamente.

Para o Sr. Santos, os “encontros de vaqueiros” para a realização de vaquejadas, eram considerados uma grande diversão, havia de certa forma uma “competição” entre vaqueiros participantes daquela peleja, para não deixar que o animal perseguido fugisse caso aparecesse aos seus alcances. Havia ainda a compreensão de “honrar a profissão”. Seria uma vergonha para um vaqueiro afamado em sua região, deixar o animal “escapar”. Para ser bom, tinha que *“pegar”* para não sofrer uma desmoralização. Entretanto, essa espécie de diversão, a “vaquejada no campo solto”, tornou-se menos praticada em Itaberaba, devido

<sup>27</sup> Entrevista de Sr. Mascarenhas, concedida em 23/04/2016.

<sup>28</sup> Na linguagem popular do vaqueiro Da Silva, significa mutirão, ajuda, auxílio voluntário. O mesmo que adjuntório.

<sup>29</sup> Termo usado por vaqueiros nas entrevistas ao se referir à captura de algum touro em campo solto.

aos cercamentos de terras das fazendas, nas quais trabalham os vaqueiros apresentados neste trabalho.

Assim o Sr. Santos relatou os laços de sociabilidades e solidariedades entre os vaqueiros quando acontecia o chamado “digitório” e/ ou vaquejada.

Digitório era a pega do boi né, as vês se colocava uma boiada na manga e ela embrabecia, quatro cinco animal, os garrotes. aí o gerente daquela fazenda saía convidando os vaqueiros. Que uns chamava né, fulano corre com gado, aí o vizinho... tinha outro que corre com gado, aí reunia, como já fui numa fazenda Leão de onde eu moro oito quilômetros [...] já tinha aqueles animal apropriado pra aquilo, dois três cavalos de campo, que como meu pai falava, de confiança, aí você já tinha os couro mesmo, já tudo arrumado, [...] Naquela época... na época do meu pai mesmo você não queria ir pra passar... como a gente fala, passar decepção! fulano correu com o boi, largou fulano, os paus arrancou fulano, aquilo era pra gente... pros pais da gente era uma decepção<sup>30</sup>.

Entendemos que para o Sr. Santos, a vaquejada além de ser apreendida como uma diversão prazerosa era, também, um evento no qual o vaqueiro deveria preservar seus valores, utilizando dos melhores recursos como o uso dos couros, e de um cavalo de confiança, acostumado com aquela atividade, para não correr o risco de sofrer “decepção”, caso não conseguisse capturar o animal.

Outra atividade em que vaqueiros se reuniam solidariamente, e que geralmente acontecia aos domingos, tratava-se da “ferra de gado à mão”. Conforme o vaqueiro Mascarenhas, “*ás vês na épica que laçava gado e tinha tronco pra gente fazer aquelas ferras dia de domingo, é ferrava o gado no laço, na mão, era aquela festa ferrando gado!*”<sup>31</sup>.

Apesar de se tratar de uma tarefa difícil, o vaqueiro a traduz como um momento prazeroso, que contava com o auxílio de outros vaqueiros, comparando com uma festa. Com o desenvolvimento de novas técnicas de ferrar gado, mais práticas e que exigem menos esforços, esse é mais um costume do vaquejar que está desaparecendo em Itaberaba.

## 6. Considerações Finais

Considerando que o vaquejar é um labor que vem atravessando séculos na história do Brasil, é correto afirmar que no trabalho dos primeiros currais que se formavam no processo de ocupação das terras do interior da Bahia, utilizou-se da mão-de-obra do vaqueiro, sendo este, um dos primeiros sujeitos a ocupar as terras interioranas que iam sendo conquistadas. Quanto sua origem étnica, verificamos que não constou apenas de mestiços, – mamelucos fruto da união entre brancos e indígenas, mas, havendo grande diversidade, na qual,

<sup>30</sup>Entrevista do vaqueiro Sr. Santos, concedida em 18/02/2017.

<sup>31</sup>Entrevista do vaqueiro Sr. Mascarenhas, concedida em 23/04/2016.

encontra-se “preto”, pardo, mameluco, mulato, branco, crioulo e cabras, inclusive na região de Itaberaba no século XIX.

Compreendemos que o vocábulo “*mestiço*,” mameluco, que aparece como os principais e primeiros povoadores do sertão baiano encontrado na maior parte do referencial bibliográfico posto em estudo, advém de um projeto ideário de construção de nação, pensado no final do século XIX e início do século XX por intelectuais brasileiros, que buscavam através dos conceitos de *meio* e de *raça*, argumentos para justificar seus discursos sobre nacionalidade brasileira.

Sobre o uso de práticas mágicas e de práticas de cura no vaquejar, conclui-se que foram herdadas de gerações passadas, desenvolvidas a partir da junção de conhecimentos de diferentes culturas, sobretudo do período colonial quando a medicina científica ainda “deficiente” quanto à disponibilidade de recursos e à precisão de diagnósticos, as práticas de cura popular estiveram presentes em vários espaços da sociedade, tanto no campo, quanto na cidade, em instituições religiosas e nos lares das famílias, tornando-as assim, as mais próximas e acessíveis para muitas sociedades brasileiras. Sobretudo no universo do vaqueiro sertanejo, quando, muitas vezes, era o único recurso medicinal acessível para tratar de doenças tanto em animais, quanto nos humanos. O desmembramento de terras e sua divisão em fazendas menores também foram apresentados como um dos fatores que modificou o trabalho do vaqueiro.

Assim, entendemos que evidentes metamorfoses na prática do vaquejar não acusam ser propositalmente geridas pelo vaqueiro propriamente dito, mas, como parte de um processo que decorre de consequências de diferentes eventos. Sobretudo, modificações e intervenções no meio ambiente, causados tanto por parte de fenômenos naturais como a seca, que por sua vez implica à redução do rebanho devido a falta de capim, quanto pela ação do homem, que por sua vez causa desmatamento contribuindo para o fenômeno da seca, e conseqüentemente, as terras desmatadas e cercadas transformam-se em pastagens ou capoeiras, não havendo muitas vezes, o trabalho excessivo do vaqueiro. Bem como implica em reduzir cada vez mais as vaquejadas para pega de animais em campo solto.

Por fim, às mudanças percebidas no vaquejar contemporâneo em relação ao recorte estudado, constatamos que o vaqueiro atual vem resignificando suas práticas conforme as transformações vão ocorrendo nas zonas de criação. Assim, entendemos que mostrar as peculiaridades do vaquejar, historicizar relatos e compartilhar experiências, feitos e saberes, é contribuir para o conhecimento histórico, uma vez que esses sujeitos de certa forma silenciados e/ ou esquecidos na História Oficial - possam contar suas próprias histórias, além de fornecer maiores informações sobre o vaquejar para gerações futuras.

## Referências

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e Povoamento do Brasil**. 2. Edição, Livraria Briguiet, 1960.

\_\_\_\_\_. **Capítulos de história Colonial: 1500-1800**. Biblioteca básica brasileira. Brasília, 1998.

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: Histórias dentro da História**. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla (org). 2. Ed. São Paulo. Contexto, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo. Cortez, 2011.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência no Brasil, por suas Drogas e Minas**. Poeteiro Editor Digital, São Paulo – 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. (Tradução: Plínio Dentzien). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <https://farofafilosofica.files.wordpress.com/2016/10/modernidade-liquida-zygmunt-bauman.pdf> Acesso em 22/11/2017.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Universidade federal da Bahia. Centro editorial e didático, 1989.

CASTRO, Hebe. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história**. Ensaios e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo. Biblioteca do Estudante, 1984.

**Dicionário de símbolos**: significado dos símbolos e simbologias. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/estrela-davi/> Acesso em 23/03/2017.

DONATO, Hernâni. **Brasil 5 Séculos**. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, 2000.

GOULART, José Alipio. **O ciclo do couro no Nordeste**: documentos da vida rural. Rio de Janeiro: Editora SAI, 1966.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais LTDA, 1990. P- P. 80-81.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Tradução: Carlos Irineu da Costa). São Paulo; Editora 34, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091443/mod\\_resource/content/1/Cibercultura%20%28LEVY%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091443/mod_resource/content/1/Cibercultura%20%28LEVY%29.pdf) Acesso em: 22/11/2017.

LOPES, Rodrigo Freitas. **Nos currais do matadouro público**: O abastecimento de carne verde em Salvador no século XIX (1830-1873) 2009. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História faculdade de Filosofia e Ciências

Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select\\_action=&co\\_obra=193070&co\\_midia=2](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=193070&co_midia=2) Acesso em: 17/02/2017.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. Colaboradores: BARBOSA, Francisco de Assis; PEREIRA, Manuel da Cunha. Organização e supervisão: Lya Luft. São Paulo; Ática, 2000.

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição & Sociedade**. EDUFBA. Salvador, 2010.

NASCIMENTO, Joana Medrado. “**Terra, laço e moirão**”: Relações de trabalho e cultura política na pecuária (Geremoabo, 1880-1900). Dissertação de Mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/> Acesso em: 10/08/2016.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. (orgs). **Caminhos do Sertão: Ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia**. Editora Arcadia, 2007.

NOVINSKY, Anita Waingort. **A Inquisição**. 3. Ed. São Paulo – SP, Brasiliense, 1985. Disponível em: <http://docs11.minhateca.com.br/130199732,BR,0,0,A-Inquisi%C3%A7%C3%A3o--Anita-Novinsky.pdf> Acesso em 22/11/2017.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular**. 2. Ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O que é Benzeção**. 2. Ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

**O Selo de Salomão**. Disponível em: <<http://www.oarquivo.com.br/extraordinario/simbolos-e-objetos/1432-selo-de-salomao.html>> Acesso em 19/05/2017.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRADO JÚNIOR. Caio. **A formação do Brasil Contemporâneo**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1963. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/caio-prado-jr-formac3a7c3a3o-do-brasil-contemporc3a2neo.pdf> Acesso em 12/10/2017.

PUNTONI, Pedro. **A Guerra dos Bárbaros: Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720**. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2002. Disponível em: <http://docs12.minhateca.com.br/354830782,BR,0,0,A-Guerra-dos-B%C3%A1rbaros--Pedro-Puntoni.pdf> Acesso em: 18/10/2017.

QUEIROZ, Washington. (Coord.) **HISTÓRIAS DE VAQUEIROS: Vivências e Mitologia**. V. 2. Salvador: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural - IPAC, 1988.

\_\_\_\_\_. (Org.) **Ofício de vaqueiro**. Salvador. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Da Bahia - IPAC, vol. 1. 1987.

REIS, Alécio Gama dos. **O que farpa o boi farpa o homem: Campo das Memórias dos vaqueiros do sertão de Irecê (1943-1985)**. 2012. 364 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, 2012. Disponível em: <http://www2.uefs.br/pqh/docs/Disserta%C3%A7%C3%B5es/DissertacaoAlecioGamadosReis.pdf> acesso em:

SOUZA JÚNIOR, Tadeu Baliza de. “**Pedra que brilha**” em uma região sertaneja: **institucionalização, poder e sociedade (1850-1888)**. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado

em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. 2015. Disponível em: <http://www2.uefs.br/pgh/docs/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Tadeu%20Baliza%20-%20vers%C3%A3o%20final.pdf> Acesso em: 15/08/2016.

SPIX, Johann Baptist Von; MARTIUS, Karl Friedrich Von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Trad. São Paulo: Edições Melhoramentos, Vol.1, 1968.

THOMPSON, E. P. **A voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil Colonial (1677-1808)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Franca, 2012.180 f. Disponível em: [http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final\\_ana-carolina-viotti.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-final_ana-carolina-viotti.pdf) Acesso em: 06/04/2017.

WANDERLEY, Lygia Maria Alcântara; JONAS, Sônia Maria de Couto. **D'Ávila, o Pioneiro da Pecuária no Brasil**. In: **Ofício de vaqueiro**. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, Salvador-BA. Disponível em: [http://agentesculturais.com.br/wp-content/uploads/2017/03/livro\\_of%C3%ADcio\\_de\\_vaqueiros.pdf](http://agentesculturais.com.br/wp-content/uploads/2017/03/livro_of%C3%ADcio_de_vaqueiros.pdf) Acesso em: 05/10/2017.